

CONSUMO ALIMENTAR DE ULTRAPROCESSADOS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

LAURA JAMBEIRO RIBEIRO¹; LINDA CEZAR SCHAFERR²; STHEFANI FERNANDES SIQUEIRA³; GABRIELE AIRES ALDRIGHI⁴; LETICIA FERREIRA PIRES⁵; JULIANA DOS SANTOS VAZ⁶

¹Colégio Municipal Pelotense –laurajambeiro77@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lindacschafer@yahoo.com

³Universidade Federal de Pelotas – sthefanifernandessiqueira@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – gabrielealdrighi@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – le.goferntri@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – juliana.vaz@gmail.com

Os ultraprocessados (UP), ricos em aditivos, açúcares, gorduras ou sódio, são hiper palatáveis e seu consumo, especialmente por crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), aumenta a densidade energética da dieta e o risco de doenças. O objetivo deste trabalho foi avaliar o consumo alimentar de UP de crianças e adolescentes com TEA, de acordo com a faixa etária utilizando como base o Guia Alimentar para a População Brasileira.

O consumo alimentar foi obtido por recordatório de 24 horas de três dias não consecutivos (incluindo fim de semana), estes, fazem parte do projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FaMed/UFPel (CAEE: 133 94253518.0.0000.5317).

Participaram 366 pessoas, com média de idade de 6,9 anos e majoritariamente do sexo masculino (79,7%). A contribuição média de UP para a energia total da dieta variou conforme a idade: 42,7% entre os menores de 5 anos, 46,6% entre 5 e 9 anos e 40,4% nos maiores de 10 anos. Nas três faixas etárias (<5, 5-9 e >= 10 anos) o consumo de alimentos UP que mais contribuíram para a densidade energética da alimentação foram biscoitos (31,9%, 30,6% e 31,2%) e salgadinhos (32,7%, 29,5% e 29,7%), preparações prontas (27%, 25,2%, 28,5%) e carnes processadas (19,7%, 19,9% e 21,2%) respectivamente, não havendo diferença entre os grupos de UP consumidos e faixas etárias.

Os resultados mostraram elevada participação de UP em todas as faixas etárias, reforçando a necessidade de estratégias para desestimular esse consumo devido aos impactos negativos na saúde.